



## **ESTUDOS SOBRE JOVENS E UNIVERSIDADE NO OBSERVATÓRIO DA VIDA ESTUDANTIL NO ESTADO DA BAHIA**

Julya Myrele Rosendo de Almeida<sup>1</sup>  
myrelerosendo@hotmail.com  
Lara Jordana Lima da Silva<sup>2</sup>  
larajordana100@gmail.com  
Profa. Dra. Rosemeire Reis<sup>3</sup>  
reisroseufal@gmail.com

### **RESUMO**

Os estudos voltados para melhor compreender como se dá a construção identitária dos alunos nas universidades públicas, bem como se constroem as relações e o desenvolvimento pessoal dos mesmos ainda estão em seus passos iniciais no Brasil. Assim, este artigo procura elucidar como funciona um Observatório da Vida Estudantil (OVE), que tem como objetivo entender e investigar os desafios, a trajetória e as lutas dos estudantes que ingressam na universidade, no ensino superior. Tal estudo é parte da pesquisa bibliográfica de iniciação científica no qual estamos inseridas (CEDU-UFAL). O OVE estudado tem suas práticas realizadas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA), que assumem em conjunto um compromisso social com os alunos das mais diversas áreas. Este estudo se inscreve em uma abordagem qualitativa, realizado por meio de estudo teórico-bibliográfico, e busca de maneira sucinta explicar o que é e como funciona o Observatório da Vida Estudantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Observatório da Vida Estudantil. Universidade. Estudantes. Ensino Superior.

### **1 INTRODUÇÃO**

Para melhor compreender a vida acadêmica faz-se necessário primeiramente entender as necessidades, bem como a realidade daqueles que são os atores e autores da universidade. A partir desse entendimento mais amplo e consciente, a instituição poderá proporcionar um melhor espaço não só educacional, mas pessoal, cultural, social e profissional.

<sup>1</sup> Estudante de iniciação científica (PEDAGOGIA/CEDU-UFAL) com bolsa Fapeal

<sup>2</sup> Estudante de iniciação científica/colaboradora (PEDAGOGIA/CEDU-UFAL)

<sup>3</sup> Professora ~doutora do Centro de Educação/UFAL e orientadora do projeto de iniciação científica

Entretanto, nota-se que são poucos os estudos que visam compreender e analisar a relação do estudante com a universidade, quando ele já está inserido na mesma. O Observatório da Vida Estudantil (OVE) da Bahia, que atualmente está presente em duas instituições federais, busca analisar as diversas experiências dos estudantes que estão cursando o ensino superior.

Durante o acompanhamento com esses estudantes, o OVE tem o papel de descrever a complexidade que é a vida estudantil, não somente a relação que os alunos têm com o saber, mas também diversos aspectos que afetam a vida do estudante.

O respectivo trabalho tem como objetivo uma análise inicial do Observatório da Vida Estudantil da Bahia, sobre quando se deu seu surgimento, porquê e qual sua relevância. Uma das questões é identificar se o OVE está relacionado a expansão do ensino superior público no Brasil e quais as temáticas que são abordadas nas publicações desse documento.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

O surgimento do Observatório da Vida Estudantil teve origem na França, em 1989, com a proposta de auxiliar e acompanhar estudantes que estavam ingressando na Universidade. Esse processo se deu graças ao crescimento de estudantes ingressando no ensino superior. A partir disso a França conseguiu melhorar os índices educacionais do país na rede superior de ensino, pois com esse estudo direcionado às universidades conseguiram atender as diversidades que eram cada vez maiores. Segundo Sampaio (2011, p. 16):

Os observatórios franceses dispõem de um conselho composto de organizações representativas dos estudantes, de personalidades e técnicos ligados ao ensino superior e representantes comunitários. Possuem ainda conselho científico composto por pesquisadores escolhidos nas universidades e centros de pesquisa com a função de desenhar, orientar e controlar a qualidade dos estudos realizados pelo observatório.

A estrutura do observatório como foi observado acima necessita da participação ativa de toda a comunidade que de alguma forma tem uma ligação com a universidade, sendo assim um trabalho conjunto entre sociedade e os órgãos competentes.

Os estudos acerca dos atores das universidades (estudantes, docentes, gestores, funcionários técnicos e administrativos) não possuem muita visibilidade, para que a universidade consiga compreender melhor as relações que nela se dão. Faz-se necessário estudar de forma sistematizada a diversidade que nela está presente e as dificuldades enfrentadas por esses atores sociais. Para Coulon (2017) é preciso entender que “é durante o primeiro ano que as coisas são mais difíceis” (COULON, 2017, p. 1241) e que os estudantes não são um grupo homogêneo e isso afeta diretamente sua vida acadêmica.

De acordo com Sampaio (2011, p. 14) a universidade, historicamente, habituou-se a ver os estudantes apenas como usuários dos serviços educacionais. Ou seja, deixou de lado questões emergentes que implicam a passagem para a vida adulta e toda a carga que é atribuída a esta transição.

Inicialmente, o Observatório da Vida Estudantil que vamos analisar em questão surgiu como linha de pesquisa do grupo “Aproximações: a perspectiva *ethno* em psicologia do desenvolvimento” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia em 2007. Com o passar do tempo, o grupo foi agregando outros membros da universidade, não se restringindo apenas aos pós-graduandos.

No que se refere ao Brasil, a emergência de estudos e pesquisas sobre o ensino superior tem uma relação direta com as transformações que esse nível de ensino viveu durante as duas últimas décadas (COULON, 2017). O Observatório da Bahia surgiu no intuito de acompanhar as diferentes vivências e experiências dos estudantes que estavam inseridos no ensino superior e a partir disso fazer reflexões políticas e sociais sobre o contexto que eles encontram-se inserido.

Com a expansão do ensino superior público brasileiro, pesquisadores da universidade identificam a necessidade de entender esses jovens que estão sendo inseridos nesse mundo totalmente novo que é o ensino superior.

No momento em que a universidade brasileira ensaia os passos de uma profunda mudança, mas que nunca é necessário acompanhar as populações de jovens que nela ingressam, especialmente aqueles de origem popular, para compreender o que impacta suas vidas no período que compreende sua transição para a etapa da vida adulta. (SAMPAIO, 2011, p. 18)

Dentro do observatório da Bahia são desenvolvidos diversos projetos que visam acompanhar a heterogeneidade dos jovens, projetos esses que estudam e

tentam compreender melhor os diversos fatores cotidianos que fazem parte do dia-a-dia deles, vindo de cidades do interior, do ensino médio público e das classes populares. Estudam também os programas que visam a permanência dos estudantes na universidade, seu desenvolvimento social, afetivo e político.

Sampaio justifica que o avanço dessas pesquisas se deu pela ampliação na oferta de cursos e vagas na UFBA (Universidade Federal da Bahia), adaptando a universidade para melhor atender à comunidade estudantil.

Dito de outra forma: tratar dos desafios e perspectivas da juventude contemporânea significa tratar dos processos de escolarização básica, do acesso ao ensino superior, da inserção no mercado de trabalho, da violência, enfim, de metabolismos múltiplos de desigualdade social, matrizes de seletividade e mobilidade socioeconômica. (SAMPAIO, 2011, p.28)

Como explica Sampaio (2011) o OVE conta com diversas áreas de estudos da vida dos estudantes, áreas essas que vão desde a busca de como se dá a educação no ensino médio e compreender como são as relações do saber que estão sendo transmitidos, principalmente na rede pública de ensino e os desafios enfrentados durante a preparação para o ENEM, e se estende para as questões de adaptação dos estudantes no meio acadêmico, a evasão presente no ensino superior, as relações amorosas, as questões cotidianas e sociais, bem como também a relação da juventude com a política.

Através das leituras e registro sobre o OVE, pode-se constatar o quanto as relações que se dão dentro dos espaços da universidade contribuem para a construção identitária (e profissional também) do indivíduo. Segundo Ferraz e Pereira (2002) nesse processo de inserção na universidade o estudante passa a conviver com novos colegas e novos professores, os quais podem exercer um importante papel na sua adaptação acadêmica (*apud* DIAS, FIORIN, OLIVEIRA; WILES; 2002). Nesses espaços, os alunos conseguem se identificar com pessoas “semelhantes”, bem como também começam a se engajar na luta de seus colegas terem uma participação política e social mais ativa.

Um exemplo do que foi citado no parágrafo anterior é de como os colegas de classe, através de diálogos e debates sobre uma determinada causa podem se unir em prol de um movimento, que até então poderia ser uma área de pouco conhecimento (ou nenhum). É possível identificar nos estudos do observatório que através das relações com a diversidade existente nos campus, movimentos como o

feminismo, as lutas social, a luta por direitos, igualdade e quebra de preconceito com mulheres que se encaixam no grupo LGBTQI+ ganham espaços e força.

Não restam dúvidas de se faz mais do que necessário uma participação mais ativa e a promoção de melhorias no âmbito da educação superior, tendo em vista que as pessoas que estão se formando está adoecendo devido às pressões existentes dentro do curso (dentro do próprio lar também), devido à falta de assistência estudantil de qualidade e de fácil acesso, de políticas públicas que possam garantir a sua permanência e que essa permanência seja assim reconhecida e valorizada.

Consideramos que se a universidade, que está formando os futuros profissionais que irão atuar na sociedade, não reconhece a importância de se ter todas as questões identificadas pelo OVE da UFBA, ela pode estar contribuindo com o aumento da parcela de profissionais frustrados, doentes e não preparados para lidar com as adversidades, desafios e diferenças durante sua formação e no percorrer do seu ofício.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas leituras sobre o Observatório da vida estudantil na UFBA, pode-se constatar o quanto se faz importante as relações e o comprometimento da universidade com os alunos que nela estão inseridos, contribuindo assim para que haja uma melhoria no ensino, no ambiente, na saúde mental e nos índices educacionais positivos da instituição.

É notável o quanto um OVE pode trazer benefícios não apenas para a universidade em si, mas também para a sociedade em que ela está inserida, fazendo gerar novos meios de pesquisas e principalmente dando um sentimento de pertencimento e apoio para os atores e autores que movimentam e dão vida as instituições de ensino superior.

Por fim, para um entendimento mais aprofundado do Observatório é necessário uma análise mais minuciosa nos registros desse programa, pois o estudo apresentado está em sua forma inicial, tendo em visto quê, o observatório é um grande programa que aborda de forma ampla tudo aquilo que está presente na vida dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 43, n. 4, out./dez., 2017, p. 1239-1250.

DIAS, Ana Cristina Garcia; FIORIN; Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; WILES; Jamille Mateus. Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. Volume 18, Número 2, Maio/Agosto de 2014: 239-246.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011.